



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –  
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

## O SABER AGROECOLÓGICO MOTIVADO PELA ESPIRITUALIDADE: LUTERANOS EM TERRITÓRIO QUILOMBOLA<sup>1</sup>

*The agroecological knowledge motivated by spirituality:  
lutherans in quilombola territory*

Tarcísio Vanderlinde<sup>2</sup>

**Resumo:** O texto emerge de pesquisa sobre a inserção socioeconômica do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (Capa) em territórios de remanescentes de quilombos no extremo sul do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. O Capa caracteriza-se como uma entidade mediadora, que nasce de motivações eclesiais da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) ao final dos anos de 1970. Seu objetivo é disseminar sistemas agroecológicos entre populações de pequenos agricultores a fim de criar possibilidades alternativas de sobrevivência sustentável no meio rural. O Capa territorializa-se na Região Sul do Brasil através de um território-rede com centros de coordenação e irradiação de atividades a partir de cinco núcleos, sendo dois no estado do Paraná e três no estado do Rio Grande do Sul. A partir do núcleo estabelecido na cidade de Pelotas/RS, e com escritório de apoio no município de São Lourenço do Sul/RS, o Capa passa a desenvolver atividades entre os grupos de remanescentes de quilombos neste início de século.

**Palavras-chave:** Identidade. Território. Mediação. Agroecologia.

**Abstract:** The text emerges from research on the socioeconomic integration of the Support Center for Small Farmers (Capa) in the territories of quilombo remainders in the southernmost state of Rio Grande do Sul, Brazil. The Capa is characterized as a mediating entity that has arisen from motivations of the Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil (IECLB) at the end of 1970. Its goal is to disseminate agroecosystems between populations of small farmers in order to create alternative opportunities for sustainable livelihoods in rural areas. The Capa is territorialized in southern Brazil, through a territorial network with coordination centers and dissemination activities through five centers, two in the State of Paraná and three in Rio Grande do Sul. Starting from the center established in the city of Pelotas, and the

---

<sup>1</sup> O artigo foi recebido em 21 de dezembro de 2012 e aprovado em 25 de agosto de 2013 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

<sup>2</sup> Doutor em História (UFF) com pós-doutorado em Sociologia (UFPR). Docente Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), em Marechal Cândido Rondon/PR, Brasil. Contato: [tarcisiovanderlinde@gmail.com](mailto:tarcisiovanderlinde@gmail.com)

■ support office in São Lourenço do Sul, the Capa has started developing activities among groups of former quilombos at the beginning of this century.

■ **Keywords:** Identity. Territory. Mediation. Agroecology.

## Introdução

Diante da crise gerada pela modernização agrícola, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) cria, ao final dos anos de 1970, o Capa. A entidade, caracterizada inicialmente como a materialização de um serviço eclesial da igreja luterana, volta-se para as problemáticas dos pequenos agricultores no sul do Brasil sem aceção de credo. A entidade, contudo, identifica-se com aspectos identitários da igreja da qual emerge e, na mediação que se pauta em pressupostos espirituais, atua na qualificação de pequenos agricultores pela via da agroecologia.

Distribuído em cinco núcleos geograficamente estabelecidos nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, o Capa forma um consórcio e exerce uma função mediadora entre grupos de pequenos agricultores. Com isso fomenta formas associativas de organização relacionadas ao planejamento, à produção e à comercialização de produtos agropecuários sem o uso de agrotóxicos. Para a viabilização de seu projeto o Capa mantém parcerias com prefeituras, com movimentos sociais e com ONGs. Atua também entre populações indígenas e grupos de comunidades remanescentes de quilombos.

A atuação de luteranos entre os quilombolas pode ser considerada um jeito inédito de inserção, se considerados aspectos identitários relacionados à formação das comunidades luteranas no sul do Brasil, cujo isolamento étnico é sua principal marca. Metaforicamente, o trabalho do Capa entre as comunidades de remanescentes de quilombos pode ser entendido a partir da ideia teológica de buscar pelo “Deus escondido”, ideia essa discutida inicialmente por Martim Lutero e ressignificada ao final do século 20 pelo Dr. Peter Nash, docente de Antigo Testamento na Faculdade EST nos anos de 1990, que deu início ao Grupo Identidade, voltado para as questões da negritude na igreja e na teologia. Perpassando questões de gênero e etnia, no tempo presente o “Deus escondido” poderia ser “localizado” a partir da inserção social luterana entre as comunidades de remanescentes de quilombos:

Os gregos contavam loucas estórias sobre um deus mulherengo que frequentemente caminhava por aí em estranhos disfarces a fim de seduzir jovens mulheres mortais. Lutero escreveu sobre um Deus escondido; um Deus que nunca é bem reconhecível aos seres humanos. Zeus aparece numa peça como um etíope forasteiro, e Homero sugere que ele deixava suas tarefas divinas de lado por um tempo a cada ano para visitar os africanos, porque, como os brasileiros, eles tinham as melhores festas. Eu sugiro que uma das respostas que este nosso trabalho tem a dar aos leitores é que o *deus absconditus*, o Deus escondido de Lutero, está escondido em parte porque nós estamos procurando um deus branco que prefere falar com pessoas brancas, preferivelmente numa certa língua europeia. Será que, entendendo que o Deus do Antigo Testamento é um Deus de

pele morena ou negra, que optou falar com africanos, nós poderíamos vislumbrar algo do Todo-Poderoso que seja um pouquinho mais autêntico?<sup>3</sup>.

Embora outros aspectos relacionados à inserção social luterana entre as comunidades negras sejam considerados relevantes, a mediação espiritualizada do Capa mereceu uma maior atenção no artigo. Foi a partir de uma tomada de consciência sob essa dimensão que se construíram os pressupostos para a inserção social da IECLB entre os quilombolas. A dimensão identitária relaciona-se com processos de territorialização e de formulação de novas territorialidades que emergem no encontro de sujeitos a partir da experiência mediadora do Capa. É no contexto que, motivado pela espiritualidade luterana, surgem novos saberes ambientais e se recuperam saberes antigos e autóctones. Esses saberes impulsionam formas alternativas de sobrevivência e de relacionamento sustentável com o meio ambiente.

## **Agroecologia e espiritualidade**

Do ponto de vista de sua relação com a espiritualidade e a teologia luterana, o Capa é entendido como um projeto ecumênico da IECLB. Enquanto igreja, entende-se como discípula de Cristo que carrega a tarefa de cuidar da realização da integralidade da pessoa na sua dimensão espiritual, cultural, social, política e econômica. Desde o seu nascedouro, o Capa estaria vinculado aos sínodos<sup>4</sup> e à igreja. Por essa vinculação de origem, conclui-se que sua motivação evangélica e bíblica, com identidade luterana, numa perspectiva ecumênica permanece viva e presente nas ações da entidade. Nessa visão, o Capa integra um público participante multicultural e de diversas confissões religiosas. Um fragmento da Carta do Apóstolo Paulo aos Romanos é destacado como princípio de ação e fé que motiva a mediação espiritualizada do Capa: “Não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente” (Romanos 12.2)<sup>5</sup>.

Existem aspectos peculiares, contudo, a serem observados no que tange à formulação de um tipo de mediação e da instituição de um serviço entre os agricultores familiares pela IECLB. Nesse sentido, percebe-se o peso da circularidade e de influências em relação às interpretações teológicas para além do campo luterano. Observem-se, no contexto, as reflexões que fazem emergir uma nova teologia na Igreja Católica a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965) e os posteriores encontros de Medellín (1968) e de Puebla (1979), realizados na América Latina pelos bispos daquela igreja.

Após o Concílio Vaticano II (1962-1965), o episcopado da América Latina realizou um encontro com o intuito de interpretar os documentos conciliares à luz da

---

<sup>3</sup> NASH, Peter. O papel dos africanos negros na história do povo de Deus. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo: EST, v. 42, 2002. p. 25.

<sup>4</sup> Unidades eclesiais administrativas da IECLB. Há no Brasil, atualmente, 18 sínodos. Por razões históricas, a maior parte dos sínodos se concentra na Região Sul do Brasil.

<sup>5</sup> RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO EXTERNA DO CAPA: período 2000-2005. Porto Alegre, abr. 2006. p. 60.

problemática latino-americana. Reunidos em Medellín, Colômbia, em 1968, os bispos produziram um documento avançado, que iria sustentar a ação dos católicos progressistas no continente ao mesmo tempo em que assustava os conservadores. Falando de uma injustiça que clama aos céus, os bispos aí reunidos comprometeram-se com a causa da justiça e exortaram os cristãos a ficar do lado dos lavradores e dos indígenas em sua luta por dignidade e melhores condições de vida. A luta cristã por justiça passaria a ser entendida como uma exigência do ensino bíblico.<sup>6</sup>

O que se pôde perceber nos anos seguintes foi que as lutas sociais seriam articuladas aos ritos cristãos, sejam eles católicos ou protestantes, reiniciando um sentido pragmático e um sentido místico como práxis religiosa e, ao mesmo tempo, revolucionária. O capital simbólico da religiosidade camponesa, articulado a um pensar motivado por elementos políticos do marxismo, era a garantia instrumental de ação para os militantes e os coordenadores.<sup>7</sup> Em 1979, em Puebla, México, a reunião do episcopado católico para aprovar as novas diretrizes para a igreja no continente recebeu forte intervenção do Vaticano, agora sob o comando de um novo papa, João Paulo II, em apoio ao setor conservador. Ainda assim, o resultado foi um documento crítico em que consta a célebre “Opção Preferencial pelos Pobres”<sup>8</sup>.

Numa crítica aos processos de mediação entre os camponeses, José de Souza Martins<sup>9</sup> analisa a ação mediadora da Igreja Católica relacionada ao processo de reforma agrária a partir dos anos de 1950. O interesse da Igreja Católica pelos camponeses e a reforma agrária no contexto político brasileiro inicia-se com uma postura nitidamente conservadora em que um dos objetivos era contrapor-se ao avanço de forças progressistas mediadas por outras instituições sociais e políticas, como o PCdoB. A “conversão” da pastoral católica, ou seja, discurso e práticas mais comprometidas com a ótica da opção preferencial pelos pobres, só viria durante os governos militares, a partir das denúncias da situação social vivenciada por posseiros, agricultores e indígenas na Amazônia, fronteira interna do desenvolvimento capitalista daqueles anos. As transformações sociais interferem e mudam o discurso pastoral da Igreja Católica e também em denominações protestantes envolvidas com a problemática. O envolvimento da igreja com o tema da propriedade da terra e os processos de mediação relacionados a ela, segundo a análise de Martins, começa por questões éticas, sociais, políticas e pastorais, passando pelo problema da propriedade, para terminar na dimensão do ético, social, político e pastoral, ou seja, no problema da humanidade do ser humano.

---

<sup>6</sup> GONZALEZ, Justo L. *A era dos novos horizontes: uma história ilustrada do cristianismo*. São Paulo: Vida Nova, 1988. p. 119.

<sup>7</sup> IOKOI, Zilda Márcia Gricoli. Reforma agrária e movimentos sociais: diferentes alternativas na América Latina. In: MARQUES, Maria Inez Medeiros; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Orgs.). *O campo no século XXI: território de vida, de luta e de construção da justiça social*. São Paulo: Casa Amarela; Paz e Terra, 2004. p. 268.

<sup>8</sup> BRITO, Lucelmo Lacerda. Medellín e Puebla: epicentros do confronto entre progressistas e conservadores na América Latina. *Espaço Acadêmico*, ago. 2010.

<sup>9</sup> MARTINS, José de Souza. *Caminhada no chão da noite*. São Paulo: Hucitec, 1989.

Entretanto, deve-se destacar discussões teológicas anteriores ou coincidentes com a temporalidade apontada por José de Souza Martins para o Brasil. Uma igreja que tivesse uma teologia que se identificasse a partir de práticas entre as populações empobrecidas da América Latina já era requerida por outros teólogos que acabaram influenciando a mediação religiosa nas questões agrárias do Brasil. Registre-se a importância das reflexões do sacerdote católico peruano Gustavo Gutiérrez e do jesuíta uruguaio Juan Luis Segundo.

Para Gutiérrez, por exemplo, num continente como a América Latina, o desafio não viria em primeiro lugar do não crente, mas da não pessoa, daquele que não é reconhecido como pessoa pela ordem social existente: o pobre, o explorado, aquele que é sistemática e legalmente desprovido de sua qualidade de ser humano, e que mal sabe o que é um ser humano. A não pessoa não é aquela que questiona o universo religioso, mas, sim, o mundo econômico, social, político, cultural, caracterizando aí um apelo pela transformação revolucionária das próprias bases desta sociedade desumanizada. O problema não seria falar de Deus num mundo adulto, mas sim como anunciar Deus num mundo não humano.<sup>10</sup>

Todavia, não deixa de ser oportuno lembrar que as discussões teológicas em torno de uma igreja que propiciasse respostas, com base no evangelho, para os problemas contemporâneos já vinha desde a segunda metade do século 19.<sup>11</sup> As discussões em vários momentos e em diversas partes do mundo na primeira metade do século 20 culminaram com a criação do Conselho Mundial das Igrejas em 1948. Desde o início, esse movimento assumiu uma postura contra toda forma de exploração ou do imperialismo: o plano divino de redenção requereria uma ordem equitativa e fraterna: “O Conselho convocava todas as igrejas a rejeitar tanto o comunismo quanto o capitalismo liberal e a opor-se à noção errônea de que esses dois sistemas esgotam todas as alternativas possíveis”. Com o advento do Concílio Vaticano II, o Conselho iria estabelecer um diálogo ecumênico que resultaria na elaboração de diversos projetos e estudos. Seria, contudo, na América Latina, em decorrência da situação socioeconômica e da existência de uma igreja voltada para os pobres, que se formataria uma nova teologia: a “Teologia da Libertação”<sup>12</sup>.

---

<sup>10</sup> SAUVAGE, Pierre. Viver a Bíblia hoje: a teologia da libertação de Gustavo Gutiérrez. In: HERMANS, Michel; SAUVAGE, Pierre (Orgs.). *Bíblia e história: escritura, interpretação e ação no tempo*. São Paulo: Loyola, 2006. p. 107.

<sup>11</sup> Ernelo Schallenberger problematiza uma discussão entre evangélicos sobre o papel social da igreja no final do século 19 na Alemanha. No debate, setores progressistas da igreja perceberam que a doutrina socialista, em pauta na época, representava uma possibilidade de atração dos fiéis e, ao mesmo tempo, uma ameaça à própria instituição enquanto organização comunitária e proprietária de bens (SCHALLENBERGER, Ernelo. *Associativismo cristão e desenvolvimento comunitário: imigração e produção social do espaço colonial no sul do Brasil*. Cascavel: Edunioeste, 2009. p. 69-74). Além disso, é pertinente colocar no debate a importância da encíclica *Rerum Novarum*, de autoria do papa Leão XIII, promulgada em 15 de maio de 1891. O documento tratava das relações entre trabalhadores e patrões à medida que denunciava as péssimas condições de trabalho que emergiam do desenvolvimento industrial à época (GONZALEZ, 1988, p. 113-116).

<sup>12</sup> GONZALEZ, 1988, p. 111-121.

No caso específico do Brasil, não se poderiam ignorar as práticas libertadoras ou questionadoras de bispos católicos, como Helder Câmara, Paulo Evaristo Arns, Pedro Casaldáliga, Tomás Balduino, além de outros. Já entre os teólogos, destaquem-se as contribuições críticas de Leonardo Boff. Ao formular seu pensamento, o teólogo defende o surgimento de um novo modelo de igreja: igreja a partir dos pobres, que se envolva numa libertação política e religiosa que nasça da fé do povo, ou seja, uma igreja à altura dos desafios históricos. Na visão de Boff, em particular, a igreja seria uma portadora qualificada, mas não exclusiva, que atua no mundo dos pobres e se defronta com o desafio de transformar esse “submundo” em mundo de convívio humano e fraterno.<sup>13</sup> No contexto das novas fronteiras da religiosidade nesta primeira década do século 21, o discurso teológico de Boff aponta para a ética e um meio ambiente onde se percebe a crise de um paradigma civilizatório.<sup>14</sup>

No âmbito de um pensamento teológico luterano constata-se um acervo documental onde é possível identificar o anseio por renovação diante das demandas do mundo contemporâneo. Alguns fragmentos merecem destaque neste estudo, como é o caso de tese defendida por Walter Altmann no seu livro *Lutero e a Libertação*. Em meio a ambiguidades em relação a questões sociais e teológicas, Altmann observa que Lutero viveu na encruzilhada entre o velho e o novo e que apresentava em sua pessoa e obra as marcas da transição. Observa-se, contudo, em meio a eventos dramáticos, por onde quer que se olhe – igreja e espiritualidade; fé e mundo; sociedade, política e economia –, um Lutero que busca contribuir para o novo que estava emergindo.<sup>15</sup> Séculos depois, já na primeira metade do século 20, a atenção se volta a dois teólogos que tiveram seus pensamentos confrontados pelas irracionalidades do nacional-socialismo da Alemanha hitlerista: Karl Barth e Dietrich Bonhoeffer.

Karl Barth, no início de sua teologia, não se cansava de apelar a uma tomada de consciência em vez de ativismo, na convicção de que a prazo aquela seria também a prática mais eficaz do que este. Não a funcionalidade do sistema nem sua mera crítica radical, mas a intenção do movimento em contraposição à funcionalidade é a esperança. Anos depois, diante do desafio do nacional-socialismo, ao qual responderia com palavras e ações, a história iria comprovar que sua teologia seria plausível. Altmann resume uma de suas teses: “Devemos ser comunidade no seguimento de Jesus Cristo. Somos, porém, uma instituição ocupada consigo mesma e, como tal, não podemos seguir a Cristo. Nós devemos ter consciência de ambos, nosso dever e nosso não-poder, e justamente assim servir ao mundo”<sup>16</sup>.

Nascido em 1906, Dietrich Bonhoeffer foi um teólogo luterano que combateu o nazismo. Em 1943, por participar de um complô com a finalidade de assassinar Hitler, Bonhoeffer acabou preso. Mantido prisioneiro durante dois anos, acaba sendo

---

<sup>13</sup> BOFF, Leonardo. *Igreja: carisma e poder*. Petrópolis: Vozes, 1981. p. 24-27.

<sup>14</sup> BOFF, Leonardo. *Homem: satã ou anjo bom?* Rio de Janeiro: Record, 2008.

<sup>15</sup> ALTMANN, Walter. *Lutero e a libertação*. São Paulo: Ática; São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 41.

<sup>16</sup> ALTMANN, Walter. A crise da identidade eclesial e a inconformidade de Cristo; reflexões sobre a identidade da IECLB. In: BURGER, Germano. *Quem assume esta tarefa?* Um documentário de uma igreja em busca de sua identidade. São Leopoldo: Sinodal, 1977. p. 294-295.

enforcado. Suas cartas e diários na prisão foram publicados depois de sua morte com o título *Resistência e submissão*. Entre os muitos assuntos que se destacam no livro, Bonhoeffer declara que as igrejas deixaram de ser vitais para o ser humano, porque não condenaram o nazismo. Além de combater o nazismo, Bonhoeffer lutava por concepções teológicas que possibilitassem respostas mais coerentes ao tempo que se estava vivendo. Deixou importantes textos sobre ética. Inspirado num fragmento do profeta Jeremias, para quem “ainda se comprarão casas, campos e vinhas nesta terra”, naqueles dias incertos de guerra, Bonhoeffer escreveria da prisão:

Assim deve o profeta Jeremias proclamar, em vivo contraste com seus presságios ameaçadores, na véspera da destruição da Cidade Santa, o que constituirá diante da situação desesperadora um sinal divino e garantia de um grande porvir. Pensar e agir com vistas à nova geração, e nesta atitude estar pronto para prosseguir sem medo nem preocupação, todos os dias, eis o comportamento que se nos impõe. Certamente não será fácil suportar tudo isso com coragem, mas é necessário. [...] Será que nossa íntima resistência contra tudo que nos foi imposto se mostrará forte e nossa sinceridade contra nós mesmos impiedosa o bastante para que achemos novamente o caminho para a simplicidade e retidão?<sup>17</sup>

O aspecto precursor de alguns teólogos protestantes é relevante no sentido de se observar que, na história da igreja luterana, sempre houve momentos de inquietude e de resistência provocando sínteses teológicas próprias. A relação entre o sagrado e o profano não é ainda hoje uma questão consensual e pacífica entre os luteranos, como também não o será em muitas outras igrejas que se consideram cristãs. A partir dos anos de 1960, influenciado pelas discussões precursoras, o discurso teológico mediador da IECLB se materializa a partir de uma circunstância considerada entre os luteranos como “o despertar da consciência crítica”, principalmente em relação à situação vivenciada pelos pequenos agricultores diante dos impactos gerados pela “revolução agrícola”. O discurso mediador formulado para justificar a existência do Capa é um discurso com raízes bíblicas, ao mesmo tempo em que é caracterizado pelos mediadores como um “jeito luterano” de ser igreja, onde os agricultores, através da cooperação, “renovam a esperança da vida”. Na visão do pastor Humberto Kirchheim<sup>18</sup>, o Capa é resposta coerente com o que afirma o Salmo 24.1, que inspirou um dos temas anuais da IECLB, na década de 1980: “Terra de Deus – terra para todos!”.

O discurso e a prática de uma mediação fundamentada em pressupostos bíblicos no âmbito do Capa são reiteradamente lembrados na igreja responsável pelo surgimento da entidade. A motivação espiritual da IECLB não foi só importante para o seu surgimento, mas apresenta um caráter de essencialidade para a sua manutenção. No plano de ação missionária da IECLB 2008-2012, o Capa é visto como um trabalho

<sup>17</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e submissão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Leopoldo: Sinodal, 1980. p. 29-31.

<sup>18</sup> KIRCHHEIM, Humberto. *Essa igreja mais atuante*. Igreja e agricultura familiar. Suplemento especial para o *JOREV* produzido pelo Capa, set. 2001. p. 1.

diferenciado junto à sociedade com o intuito de promover ações efetivas e questionadoras diante de situações de injustiça, de opressão e de exclusão. Nessa perspectiva, importa desenvolver sensibilidade para as necessidades e as “dores da sociedade” e adquirir competência solidária. Nesse sentido, o Capa mantém uma missão no que tange à sua ação entre comunidades empobrecidas. A missão do Capa para o triênio 2007-2009 acabou sendo estabelecida nos seguintes termos:

O Capa tem por missão contribuir ativamente na promoção do desenvolvimento que proporcione vida digna a todas as pessoas, sendo que as suas ações estão centradas no fortalecimento da capacidade de cooperação e organização da agricultura familiar para a produção agroecológica, utilizando metodologias de trabalho que valorizem a participação e o conhecimento local, associem teoria com a prática e promovam a equidade das relações, autonomia e bem estar das famílias<sup>19</sup>.

O jeito luterano é idealizado a partir da cooperação entre agricultores como um ato desejável e agradável diante de Deus. Pela sua prática, crédito e competência através de seus profissionais, conselhos e orientadores, o Capa é entendido como a voz e a presença da IECLB na realidade agrícola brasileira, marcada pela injustiça na terra: “O Capa faz a diferença”. O Capa estaria empenhado em viabilizar uma sociedade mais justa do ponto de vista social, econômico e ambiental, a partir do evangelho de Jesus Cristo<sup>20</sup>, no entanto seria no “Concílio da Terra” que a IECLB formularia mais claramente os pressupostos teológicos que fundamentariam suas inserções nas questões da terra e dos agricultores que nelas vivem.

O Concílio da Terra aconteceu em Hamburgo Velho/RS, de 20 a 24 de outubro de 1982, e teve como tema “Terra de Deus – Terra para Todos”. O evento caracterizou o momento em que a igreja luterana, com todos os seus limites, oficializou seu envolvimento com as questões da terra. As reflexões e o envolvimento dessa igreja com a problemática da terra já vinham acontecendo antes dessa data. Num envolvimento ecumênico, representantes da igreja já vinham participando da Comissão Pastoral da Terra (CPT), órgão vinculado à CNBB, desde os anos 1970, com destaque na atuação dos atingidos por barragens, cujo caso emblemático foi o episódio das lutas pelos atingidos pela construção da represa de Itaipu, no estado do Paraná.<sup>21</sup>

O envolvimento da IECLB com os problemas da terra não foi, contudo, uma questão “pacífica” ou consensual entre seus membros antes da realização do concílio, como também não o seria depois. As conclusões do concílio bem como a produção de documentos relacionados à problemática revelam, às vezes, o descompasso entre o pensamento progressista que emerge das assembleias e a prática que poderia resultar delas. Ao que parece, o problema poderia estar relacionado às fortes origens germâ-

---

<sup>19</sup> IDE, Hans-Hulrich. *A gente pega junto: protagonismo na agricultura familiar*. Lavoro e Porto Alegre: C&M, 2008. p. 3.

<sup>20</sup> RAVACHE, Edgar. O Capa e a sua razão de ser. *Revista do Capa-PR*, edição comemorativa, 2º semestre 2002. p. 13.

<sup>21</sup> CADERNO DA CPT ALUSIVO À 18ª ROMARIA DA TERRA NO PARANÁ. Curitiba: CPT, 31 ago. 2003. p. 8.

nicas da igreja, ao processo de busca de sua identidade no contexto nacional e ao conflito de classe no seio da própria igreja. É preciso considerar que naquele momento muitos luteranos não tinham interesse em discutir a questão agrária por considerar que esse objeto não deveria constar na pauta dos assuntos a serem conduzidos pela igreja.

Foram as preocupações com a prioridade “Reforma Agrária” que levaram o Conselho Diretor da igreja a considerar ser sua responsabilidade determinar, para o ano de 1982, a realização do Concílio com a ideia de que a terra é de Deus e, portanto, a terra deve ser para todos. A fundamentação bíblica para a problemática, com textos preferencialmente retirados do Antigo Testamento, é apresentada aos conciliares.<sup>22</sup> A expressão “terra para todos” recebe a qualificação de um fundamento bíblico que indica que os alimentos são indispensáveis à vida de todo ser humano. É, portanto, na produção de alimentos que estaria a grande função social da terra. Por isso seria legítimo que a igreja, em obediência ao Criador, levantasse a voz quando situações existentes dificultam, prejudicam ou impedem que a terra cumpra com sua finalidade social.<sup>23</sup>

As conclusões do Concílio podem ser caracterizadas como um momento em que as ideias luteranas sobre a problemática da terra são sistematizadas e passam a disseminar-se entre as comunidades daquela igreja. O Concílio revelou um passo importante numa história de avanços e de resistências com as questões da terra na caminhada histórica daquela igreja. Em edições posteriores dos concílios, nas cartas pastorais e em diversos documentos, a problemática retorna às discussões nas comunidades luteranas, e pode ser considerada hoje uma discussão permanente.

De acordo com as conclusões do Concílio da Terra, o evangelho de Jesus Cristo oferece vida plena, no sentido espiritual, corporal e sociopolítico. A partir do evangelho seria possível questionar e desmascarar todas as formas de opressão, morte e injustiça. Olhando a realidade com os olhos do evangelho, seria possível constatar flagrantes injustiças e dolorosas distorções no plano fundiário, agrário, urbano e ecológico brasileiros, que agrediriam o plano de Deus com a sua criação e suas criaturas. Diante disso e a partir do compromisso da igreja com o evangelho, assumido e vivenciado, e na busca por concretizar a integração entre fé e vida, o Concílio propõe para a IECLB uma caminhada de conscientização onde possam ser contemplados os seguintes pontos: ler e viver o evangelho de Jesus Cristo; promover consciência de que fé e vida são inseparáveis; promover consciência de serviço; promover a conscientização, a nível pessoal e comunitário, em todos os níveis da igreja sobre questões a respeito

---

<sup>22</sup> Os textos veterotestamentários, embora não exclusivos, são os preferidos para fundamentar a luta dos agricultores por terra. Na visão dos mediadores, são os que mais se adequam aos objetivos dos agricultores que têm sua luta comparada à conquista da Terra Prometida pelos judeus do Antigo Testamento. Em muitos casos, nos textos do Antigo Testamento, a simbologia parece ser mais forte e motiva mais os agricultores (VANDERLINDE, Tarcísio. *Entre dois reinos: a inserção luterana entre os pequenos agricultores do sul do Brasil*. Cascavel: Edunioeste, 2006. p. 229-237).

<sup>23</sup> Em plena vigência do regime militar no Brasil (1970), elaborou-se um documento denominado “Manifesto de Curitiba”, documento que seria entregue pessoalmente ao presidente da República, onde, entre diversos assuntos relacionados ao envolvimento da igreja com o Estado, aparecia uma preocupação pelos direitos humanos principalmente relacionados aos presos políticos do regime (VANDERLINDE, Tarcísio. O manifesto de Curitiba: alguns comentários. *Cantareira*, Niterói: UFF, 2004).

das quais a igreja não se deveria omitir. Entre as questões discutidas e mais voltadas à problemática da terra podem ser destacadas: a distribuição fundiária da terra, a situação do pequeno agricultor, os sem-terra, as migrações e suas causas, o trato responsável da terra, o associativismo entre pequenos agricultores e a diversificação agrícola.<sup>24</sup>

A mediação do Capa emerge do contexto dessas discussões e, na contemporaneidade, adquire especificidades na inserção da entidade entre as comunidades de remanescentes de quilombos. No tempo presente, a visão teológica que orienta as ações do Capa entra em convergência com outras formas de espiritualidade no envolvimento da luta por terra, pela dignidade do ser humano e do envolvimento deste com o meio ambiente.

## O Capa a agroecologia

O Capa desenvolve suas ações entre os pequenos agricultores pela e através da agroecologia. A agroecologia pode se definir como um conhecimento contra-hegemônico, possuindo uma estrutura metodológica própria, utilizando agrossistemas como unidade de estudo e atuação onde convergem conhecimentos de diferentes áreas, incluindo dimensões ecológicas, sociais e culturais. Pode ser considerado um sistema produtivo que prioriza os recursos internos dos ecossistemas, através da reciclagem, e o sinergismo entre os seus componentes biológicos para combater problemas ocasionados pelo desequilíbrio sistêmico local. Além disso, proporciona o resgate e a renovação permanente da fertilidade do solo e, ainda, a manutenção da produtividade e a proteção das culturas. A agroecologia tem como pano de fundo uma concepção holística que incorpora inclusive a racionalidade camponesa e as técnicas de manejo tradicionais dos recursos. Incluir o princípio da diversidade ao de produtividade constitui um dos aspectos essenciais no manejo de sistemas agroecológicos.<sup>25</sup>

Em relação à prática ecológica do Capa, ressalte-se que a questão está sempre em construção, seja a partir de agricultores e de profissionais que passaram pelas equipes, seja a partir de outras organizações parceiras. Os princípios que orientam a prática do Capa também recebem influência de ideias, de conceitos e de elaborações gerados fora do círculo mais imediato de suas relações. O termo *agroecologia* foi incorporado no discurso da entidade no início dos anos de 1990 e isso ocorreu a partir de reflexões conjuntas com outras organizações que compartilham das mesmas orientações de trabalho. No tempo presente, o Capa trabalha para a construção de sistemas de produção agroecológicos, códigos nos quais o sistema de produção orgânico pode estar presente em parte do processo, mas não seria o ponto de chegada. Com base em diversos conceitos de referência associados à ecologia e à sustentabilidade, o adjetivo agroecológico ou a expressão agricultura ecológica expressam, com maior clareza, a

---

<sup>24</sup> MENSAGEM final do XXIII Concílio Geral da IECLB. *Jornal Evangélico*. I Quinzena de novembro de 1982.

<sup>25</sup> SEVA, Janaína. Agroecologia. In: MOTTA, Márcia. *Dicionário da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

opção de ter os princípios ecológicos da ação. A preocupação ecológica do Capa induz um tratamento holístico do problema e considera inclusive fatores não biológicos que interferem na sustentabilidade da agricultura, ou seja: segurança alimentar, viabilidade econômica, conservação de recursos, equidade social e crescimento da produção.

A sustentabilidade financeira dos sistemas desenvolvidos pelo Capa é considerada uma das questões vitais da mediação. Ela é perseguida através da diversificação do sistema de produção, que evita a dependência de um único produto como fonte de renda, distribuindo o risco das atividades agrícolas e garantindo uma renda regular; da agregação de valor, através da criação de um número grande de agroindústrias locais; do leque diversificado de alimentos produzidos nos estabelecimentos que entram no cardápio das famílias, gerando economia nos gastos familiares. Outro aspecto que pode ser considerado relevante para a sustentabilidade econômica das atividades é a organização da comercialização, que prioriza a venda de produtos beneficiados em redes, muitas vezes com venda direta ao consumidor, eliminando, assim, ou ao menos minimizando, a atuação dos “atravessadores”<sup>26</sup>.

A agroecologia viabilizada pelo Capa emerge a partir de um diálogo de saberes solidários e responsáveis e aponta para um novo relacionamento com a terra e a natureza neste início do século. Envolver-se com esse assunto é perceber de imediato que existem racionalidades que apontam para caminhos divergentes. Uma delas, que muito nos prometeu, vem atrelada à ideia de modernidade e acabou se tornando uma jornada inconclusa, revelando, para a humanidade, um lado obscuro e colocando em risco a presença humana no planeta, sobretudo considerando as práticas do uso intensivo de agrotóxicos com a propalada “Revolução Verde” dos anos de 1970 em diante, e que ainda hoje dominam o agronegócio brasileiro. As práticas desse projeto suicida continuam poderosas e em rotas de colisão com os projetos alternativos que pretendem elevar ao máximo a sustentabilidade da “teia da vida”: “O grande desafio do século XXI é da mudança de sistema de valores que estão por trás da economia global, de modo a torná-lo compatível com as exigências da dignidade humana e da sustentabilidade ecológica”<sup>27</sup>.

## **Conclusão**

O Capa nasce de uma motivação eclesiológica da IECLB ao final dos anos de 1970 e hoje se concretiza a partir de cinco núcleos de ação na Região Sul do Brasil. A motivação religiosa da entidade foi priorizada na elaboração deste artigo. A dimensão espiritual e teológica associada a cultivos agrícolas com sustentabilidade não é, porém, uma prerrogativa exclusiva dos luteranos que inventaram o Capa. A vinculação entre espiritualidade e território é percebida também entre outros povos do planeta, no entanto, o Capa realiza um trabalho peculiar entre as comunidades de remanescentes

---

<sup>26</sup> A PRÁTICA AGROECOLÓGICA DO CAPA. Porto Alegre: Capa, 2005. p. 8-11.

<sup>27</sup> CAPRA, Fritjov. *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2005. p. 268.

de quilombos no extremo sul do estado do Rio Grande do Sul, que a partir de uma concepção espiritual, revela fronteiras para além da mediação técnica. A inserção social luterana entre as comunidades trouxe visibilidade social às mesmas permitindo diversas ações emancipatórias.

A “segunda abolição” mencionada por um periódico pelotense parece não ser apenas eufemismo, mas revela possibilidades reais de emancipação desses grupos. Na articulação dos diversos sujeitos, as histórias caladas, que pareciam ter perdido sua memória e suas tradições, ressignificaram-se dentro de uma política do ser e do tempo. Enquanto entidade mediadora, o Capa atua em sinergia com as comunidades como um dos sujeitos das novas formulações identitárias. Uma das formas de construção identitária se revela pela via da percepção de um saber ancestral que num processo de ressignificação pode se transformar num novo saber ambiental. Esses saberes permitem que as comunidades se articulem e resistam a forças que buscam debilitá-las.

Parafrazeando Paul Thompson<sup>28</sup>, o Capa, para além das contradições inerentes a um processo de mediação que busca sustentabilidade na pequena agricultura, permitiu uma fala instrumentalizada aos sujeitos com os quais interage. Com isso possibilitou que esses sujeitos se transformassem em instrumentos de mudança de sua própria condição social. Permitiu que fosse devolvido aos sujeitos que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.<sup>29</sup>

## Referências bibliográficas

- A PRÁTICA AGROECOLÓGICA DO CAPA. Porto Alegre: Capa, 2005.
- ALTMANN, Walter. A crise da identidade eclesial e a inconformidade de Cristo; reflexões sobre a identidade da IECLB. In: BURGER, Germano. *Quem assume esta tarefa?* Um documentário de uma igreja em busca de sua identidade. São Leopoldo: Sinodal, 1977.
- ALTMANN, Walter. *Lutero e a libertação*. São Paulo: Ática; São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- BOFF, Leonardo. *Homem: satã ou anjo bom?* Rio de Janeiro: Record, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Igreja: carisma e poder*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e submissão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Leopoldo: Sinodal, 1980.
- BRITO, Lucelmo Lacerda. Medellín e Puebla: epicentros do confronto entre progressistas e conservadores na América Latina. *Espaço Acadêmico*, ago. 2010.
- CADERNO DA CPT ALUSIVO À 18ª ROMARIA DA TERRA NO PARANÁ. Curitiba: CPT, 31 ago. 2003.
- CAPRA, Fritjov. *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2005.
- GONZALEZ, Justo L. *A era dos novos horizontes: uma história ilustrada do cristianismo*. São Paulo: Vida Nova, 1988.

---

<sup>28</sup> THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

<sup>29</sup> O Capa realizou atividade entre os grupos que assiste denominada “Projeto Pequenos Agricultores Quilombolas”. A atividade, desenvolvida principalmente pela oralidade, provocou troca de saberes entre as comunidades e possibilitou mútuas descobertas. Através das histórias, das celebrações e das cantigas, identificou-se um sentimento de esperança que se renova num povo que luta e resiste. Cf. SURITA, Rita; BUCHWEITZ, Susanne (Coords.). *Descobri que tem raça negra aqui*. Pelotas: Seriate, 2007.

- IDE, Hans-Hulrich. *A gente pega junto: protagonismo na agricultura familiar*. Lavoro e Porto Alegre: C&M, 2008.
- IOKOI, Zilda Márcia Gricoli. Reforma agrária e movimentos sociais: diferentes alternativas na América Latina. In: MARQUES, Maria Inez Medeiros; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Orgs.). *O campo no século XXI: território de vida, de luta e de construção da justiça social*. São Paulo: Casa Amarela; Paz e Terra, 2004.
- KIRCHHEIM, Humberto. *Essa igreja mais atuante*. Igreja e agricultura familiar. Suplemento especial para o *JOREV* produzido pelo Capa, set. 2001.
- MARTINS, José de Souza. *Caminhada no chão da noite*. São Paulo: Hucitec, 1989.
- MENSAGEM final do XXIII Concílio Geral da IECLB. *Jornal Evangélico*. I Quinzena de novembro de 1982.
- NASH, Peter. O papel dos africanos negros na história do povo de Deus. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo: EST, v. 42, 2002.
- RAVACHE, Edgar. O Capa e a sua razão de ser. *Revista do Capa-PR*, edição comemorativa, 2º semestre 2002.
- RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO EXTERNA DO CAPA: período 2000-2005. Porto Alegre, abr. 2006.
- SAUVAGE, Pierre. Viver a Bíblia hoje: a teologia da libertação de Gustavo Gutierrez. In: HERMANS, Michel; SAUVAGE, Pierre (Orgs.). *Bíblia e história: escritura, interpretação e ação no tempo*. São Paulo: Loyola, 2006.
- SCHALLENBERGER, Erneldo. *Associativismo cristão e desenvolvimento comunitário: imigração e produção social do espaço colonial no sul do Brasil*. Cascavel: Edunioeste, 2009.
- SEVA, Janaina. Agroecologia. In: MOTTA, Márcia. *Dicionário da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- SURITA, Rita; BUCHWEITZ, Susanne (Coords.). *Descobri que tem raça negra aqui*. Pelotas: SeriarTE, 2007.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- VANDERLINDE, Tarcísio. *Entre dois reinos: a inserção luterana entre os pequenos agricultores do sul do Brasil*. Cascavel: Edunioeste, 2006.
- \_\_\_\_\_. O manifesto de Curitiba: alguns comentários. *Cantareira*, Niterói: UFF, 2004.